

ENTRE SUJEITOS E JOGOS POLÍTICOS NO CONTEXTO DO MOVIMENTO LGBT DE PERNAMBUCO, BRASIL

*BETWEEN POLITICAL SUBJECTS AND GAMES IN THE CONTEXT OF THE LGBT MOVEMENT
OF PERNAMBUCO*

Benedito Medrado; Aida Carneiro

Universidade Federal de Pernambuco; beneditomedrado@gmail.com

Historia editorial

Recibido: 13-03-2015
Aceptado: 27-01-2017

Palavras-chave

Gênero
Sexualidade
Movimentos sociais
Movimento LGBT

Resumo

Este artigo apresenta resultados de pesquisa cujo objetivo foi analisar os usos e efeitos das identidades sexuais no contexto do Fórum de Lésbicas Gays, Travestis e Transexuais de Pernambuco (LGBT/PE), nordeste do Brasil. Para tanto, definimos como objetivos específicos: 1) identificar nomeações utilizadas pelos sujeitos que compõem o coletivo em questão; 2) identificar sentidos produzidos acerca das identidades sexuais nesses mesmos encontros; e 3) analisar campos de tensão e usos estratégicos destas categorias identitárias. A metodologia envolveu a realização de observações no cotidiano das reuniões do Fórum LGBT/PE, durante 12 sessões. Foram incluídos nos processos de análise outros elementos tais como: cartazes, atas de reunião, e-mails, arranjo do espaço, camisetas. As análises apresentadas evidenciam um campo-tema que se materializa como rede heterogênea, interconectado por diversos momentos, locais e sujeitos, tendo o Fórum LGBT/PE como ponto de conexões, que não se limitam a ele.

Abstract

This paper presents research results with the objective of analyse uses and effects of sexual identities in the context of the Fórum de Lésbicas Gays, Travestis e Transexuais de Pernambuco (LGBT/PE), northeast of Brazil. To this end, it is defined as specific objectives: 1) to identify the designations used by the subjects that compose this collective; 2) to identify meanings produced on the sexual identities in their encounters; and 3) to analyse tension fields and strategic uses of identity categories. The methodology involved everyday observations in the meetings of the Forum LGTB\PE, during 12 sessions. In the analysis processes were included other elements, such as: posters, meeting records, e-mails, space arrangement, T-shirts. The analysis presented show the materialization of a field-theme as heterogeneous network, interconnected by different moments, places and subjects, and the Forum LGBT/PE as a point of connections, which is not limited to it.

Keywords

Gender
Sexuality
Social movements
LGBT Movement

Medrado, Benedito & Carneiro, Aida (2017). Entre sujeitos e jogos políticos no contexto do movimento LGBT de Pernambuco, Brasil. *Athenea Digital*, 17(1), 3-22. <http://dx.doi.org/10.5565/rev/athenea.1603>

Situando a produção desta pesquisa

Uma vez que nosso interesse com este trabalho é analisar os usos e efeitos das identidades sexuais no Fórum de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais de Pernambuco (LGBT/PE), optamos por iniciar este texto narrando alguns caminhos que nos levaram à formulação do problema da pesquisa. Esta narrativa visa localizar o/a leitor/a em relação às condições de produção do conhecimento, situada e parcial (Haraway, 1995), e a necessidade de contextualização do/a pesquisador/a (Iñiguez, 2005).

Fundado em 2004, o Fórum integra representantes de diversos segmentos da sociedade civil organizada que atuam no campo dos direitos humanos para a população LGBT. Sua atuação visa uma articulação política contra o preconceito e pelos direitos humanos e civis desta população, sem fazer distinção religiosa, étnico-racial, ideológica, de gênero, orientação sexual, faixa etária e/ou partidária. Tem como compromisso:

Denunciar todas as formas de omissão, transgressão e violação dos direitos humanos, civis, políticos e sociais, por discriminação de orientação sexual e identidade de gênero [...]; Contribuir para a desconstrução do modelo machista de sociedade heteronormativa, Contribuir para o reconhecimento legal dos diversos modelos de família; Reconhecer o público LGBT como sujeito de direito perante a sociedade. (LGBT/PE, 2010, p. 1).

Ainda que sua fundação seja datada de 2004, os/as integrantes que o compõem são, em geral, pessoas com experiência prévia em outros movimentos sociais (sindicalistas, político-partidários, estudantil, saúde pública etc.) e atuam politicamente no campo dos direitos sexuais há muito tempo, configurando-se como rede, a partir da organização da Parada da Diversidade de Pernambuco, que teve início em Recife em 2002.

As questões que orientaram o desenvolvimento desta pesquisa tiveram origem no desenvolvimento de um projeto de extensão universitária promovido pelo Núcleo Feminista de Pesquisas sobre Gênero e Masculinidades (Gema/UFPE) que tinha como objetivo a formação e outras estratégias de apoio estrutural para esta rede de ativistas e grupos que compõem o Fórum LGBT-PE.

Adotamos aqui a concepção de campo-tema de Peter Spink (2003), segundo a qual o campo:

Não é o lugar onde o tema pode ser visto – como se fosse um animal no zoológico – mas são as redes de causalidade intersubjetiva que se interconectam em vozes, lugares e momentos diferentes, que não são necessariamente conhecidos uns dos outros. (p. 36)

Compartilhando dessa noção de campo-tema proposta por Spink (2003), que vai além da compreensão do campo como espaço físico pré-determinado, que destacamos a necessidade de narrar o trajeto percorrido, situar o problema da pesquisa, para, por fim, apontar os objetivos pretendidos.

Assim, o campo-tema desta pesquisa é profundamente afetado por essas experiências iniciais de aproximação ao movimento LGBT local, possibilitada por certa legiti-

midade que o coordenador do projeto tinha junto ao Fórum, na medida em que contribuiu para as ações do movimento, desde sua origem.

No curso do projeto de extensão, supra-referido, além das atividades de formação, produção de documentos, captação de recursos e acompanhamento das reuniões do Fórum, passamos progressivamente a realizar observações-participante e produções de diários das reuniões e de outros momentos e locais de sociabilidade do movimento LGBT (como, por exemplo, a Parada da Diversidade de Pernambuco e o Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual – ENUDS –, para citar alguns).

Em 2011, configuramos um projeto de pesquisa de caráter sócio-antropológico e psicossocial, intitulada *Performatividades de gênero, violência e sexualidade em movimentações político-culturais: a produção de sujeitos e estéticas políticas em Belém e Recife*. Tal projeto configurou-se como fruto de uma parceria entre núcleos acadêmicos de pesquisa e organizações feministas localizados nas Regiões Norte e Nordeste do Brasil: Núcleo de Pesquisas em Gênero e Masculinidades/UFPE; Grupo Orquídeas (Movimento Universitário em Defesa da Diversidade Sexual); Grupo NósMulheres/UFPA e Instituto PAPAI.

Esta pesquisa mais ampla teve como objetivos trilhar percursos e trajetórias da organização de eventos político-culturais voltados ao público LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) em Belém e Recife, de forma que contribuam na identificação de dispositivos de produção de sujeitos LGBT.

Em Recife, o evento político-cultural voltado à população LGBT selecionado foi a 10ª Parada da Diversidade de Pernambuco, que aconteceu em 18 de setembro de 2011, cujo tema foi *Por um Pernambuco sem homofobia: a mudança começa em você*. Como a Parada da Diversidade de Pernambuco é organizada pelo Fórum LGBT/PE, foram realizadas para a pesquisa observações *no cotidiano* das reuniões do Fórum LGBT/PE durante o período preparatório para o evento. As observações foram registradas em diários por quatro integrantes da pesquisa e que se organizavam em duplas para frequentarem as reuniões.

Essas aproximações ao movimento LGBT e as discussões em grupo foram alimentando e circunscrevendo algumas inquietações que mobilizaram a produção desta pesquisa, seja o incômodo frente aos efeitos de verdade produzidos acerca da temática da sexualidade e gênero, seja pelo esforço contínuo de desconstruí-las. Ao buscar no campo da diversidade sexual um problema de pesquisa, percebemos que não se trata apenas de problematizar o que é ser “homem” e o que é ser “mulher” na nossa sociedade. Trata-se, ainda, de repensar como uma pergunta aparentemente inocente (“é menino ou menina?”) integra uma lógica dicotômica, que divide o mundo entre masculino e fe-

minino, alinhavado pelo imperativo heterossexual. Entre os efeitos desta lógica dicotômica podemos citar: a produção de desigualdades, a restrição de possibilidades de ser e estar no mundo, a negação de direitos. Neste sentido, a ciência tem um papel fundamental, na revisão crítica desta lógica, inclusive por ser um campo privilegiado e produtor de verdades.

Dividir a sociedade entre masculino e feminino implica também em destiná-los alguns lugares, dentre eles, o de direcionarem seu desejo para o sexo oposto. O imperativo de que “mulheres atraem-se por homens”, e vice-versa, ao passo que é exaustivamente repetido torna-se naturalizado e compulsório. Portanto, é necessário dar visibilidade aos processos a partir dos quais a heteronormatividade se expressa em nossa sociedade, restringindo possibilidades de existência, ou ainda, como aponta Richard Miskolci (2007), é preciso reconhecer a homofobia materializada na interdição ou controle das relações entre pessoas fora do padrão heterossexual. É preciso evidenciar como classificações binárias (masculino/feminino, heterossexuais/ homossexuais, brancos/negros, normal/patológico) produzem hierarquias, desigualdades e opressões, gerando, como efeito de verdade a ilusão de um sujeito estável, dotado de uma identidade expressa em seu “sexo” e, igualmente, comportamentos coerentes e regulares.

Aproximações ao cotidiano de militantes que atuam no campo dos direitos sexuais foi, aos poucos, nos provocando certo desconforto quando percebíamos, de algum modo, que essas construções dicotômicas também se faziam presentes nas práticas discursivas daquelas pessoas, produzindo tratamentos desiguais e invisibilidade de outros arranjos possíveis.

Assim, o objetivo geral deste trabalho foi analisar os usos e efeitos das identidades sexuais no contexto do Fórum LGBT/PE, tendo como objetivos específicos: 1) identificar as nomeações sexuais utilizadas pelos sujeitos que compõem o coletivo em questão; 2) identificar os sentidos produzidos acerca das identidades sexuais nesses mesmos encontros; e 3) analisar os campos de tensão e os usos estratégicos destas categorias identitárias.

Breve revisão da literatura

Para esta pesquisa, realizamos uma revisão da literatura que visava à busca de textos e produções científicas sobre as Paradas do Orgulho Gay, o que também abordava o movimento LGBT do Brasil. Neste sentido, utilizamos como palavras-chave: GLS, GLBT, LGBT, Gay, Homossexual, Homossexualidade, Homossexualismo, Lésbica, Lesbianda-de, Lesbianismo, Travesti, Travestilidade, Travestismo, Transexual, Transexualidade,

Transexualismo, Transgênero, Homofobia, Lesbofobia e Transfobia. As bases de dados utilizadas foram o Scielo e o Banco de Teses e Dissertações da CAPES.

No que se referem ao Scielo, as produções encontradas datavam do período entre 1997 e 2011. Importante destacar que os termos de busca citados foram usados tanto no singular como no plural, uma vez que encontrávamos resultados diferentes. Posteriormente, excluimos as repetições para, por fim, chegar a uma lista de 242 artigos. No Banco de Teses e Dissertações da CAPES, as produções datavam do período de 1987 a 2011. O quantitativo gerado, após excluir as repetições, foi de 1030 trabalhos. Dos 1030, 791 correspondiam a dissertações e 239 as teses.

Após a busca dos trabalhos nos bancos de dados, realizamos um processo coletivo que tinha como finalidade selecionar apenas os trabalhos que abordavam manifestações político-culturais LGBT, através da leitura de todos os títulos e resumos. Foram selecionados apenas 7 dissertações, 4 teses e 1 artigo. Destes, apenas 4 dissertações e 2 teses tratavam das Paradas do Orgulho Gay, e, apenas 1 dissertação não dizia respeito a Parada Gay de São Paulo. Em oposição à centralidade dos trabalhos na região sudeste do país, as produções distribuíam-se em campos variados: psicologia social, antropologia, linguística, comunicação e ciências da religião. Igualmente, apresentavam distintas abordagens teórico-metodológicas, noções de sujeitos, identidades sexuais e noções de cultura e política.

De maneira geral, os trabalhos selecionados tinham formas diversas de abordar as Paradas LGBT, seja através da instituição e dos sujeitos políticos que a organiza, seja através do material veiculado sobre a mesma pela mídia. Mas, importante destacar que em muitos destes trabalhos se fez presente o desafio em abordar o evento em sua complexidade, assim como as implicações e efeitos do mesmo. Outra dificuldade bastante recorrente se tratava da dicotomia entre política e cultura. Ainda que o/a autor/a se esforçasse ao criticar tal dicotomia, esbarrava em várias dificuldades no seu percurso metodológico. Tal dificuldade não parece se limitar aos trabalhos publicados, mas a um questionamento caro aos movimentos sociais LGBT, uma vez que são recorrentes comentários que resumem a Parada a um carnaval fora de época, ou ainda, que apontam a despolitização do mesmo. Também, pode-se dizer que todos os trabalhos em questão buscavam apontar a importância de tal evento, seja pela garantia de visibilidade ou conquista de direitos.

Tratando-se, especificamente, dos trabalhos que abordavam os atores e atrizes sociais envolvidos na produção da Parada LGBT em questão, houve certo interesse em apontar a heterogeneidade de tais grupos, seus processos de aproximação e diferenciação. Também, buscou-se visibilizar as negociações internas de semelhanças e diferen-

ças que estavam sempre presentes no processo de constituição e atuação dos grupos. Ainda, foi apontado que tal evento não poderia ser abordado por ele mesmo, se tratando de uma rede que articula não só sujeitos políticos do movimento LGBT, mas também outros atores como o mercado e o Estado. O que acaba por expressar uma multiplicidade de demandas, população diversificada e a emergência de antagonismos. Igualmente, houve um interesse em apontar a construção de tais sujeitos políticos, mas também questioná-las.

De fato, o processo de revisão bibliográfica tornou-se crucial não só por focar em trabalhos que se debruçaram em um evento que conquistou sua importância ao longo dos anos. As Paradas LGBT, além de terem se tornado uma peça-chave na luta por visibilidade e reivindicações, é um fenômeno complexo e que envolve a articulação de diversos atores e atrizes. Entretanto, apontou para uma escassez de trabalhos que tratem do mesmo em toda sua complexidade, e, igualmente, a necessidade de descentralizar tais produções. Pois, ainda que encontremos poucos trabalhos sobre manifestações político-culturais LGBT, quase todos diziam respeito à região sudeste, sobretudo a Parada Gay de São Paulo. É preciso abrir espaço para que outras versões sejam narradas, de forma que o tema seja abordado em toda sua complexidade, sem perder de vista as especificidades de cada contexto e, sobretudo, suas contribuições para esta parcela da população.

Por fim, tal revisão se fez necessária, pois, apesar do Fórum LGBT/PE não ter sua importância limitada à organização da Parada da Diversidade, grande parte de suas reuniões eram de caráter preparatório para o evento. Também, segundo Sérgio Carrara, Silvia Ramos, Paula Lacerda, Benedito Medrado e Nara Vieira (2007), pesquisas indicam que as Paradas parecem se organizar em torno de um denominador comum: a luta contra a violência e a discriminação LGBT, o que acaba por agregar esta população. As Paradas do Orgulho Gay, então, surgem como um instrumento útil de análise para o estudo de tal população. E, mesmo que a finalidade deste trabalho não esteja diretamente ligado às Paradas, torna-se inviável falar da construção identitária de um coletivo que organiza tal evento sem abordá-lo.

Procedimentos metodológicos

Ainda que produto da pesquisa mais ampla, citada na introdução deste trabalho, este subprojeto buscou apropriar-se das ferramentas teórico-metodológicas, adequando-as de forma que melhor se aproximasse dos propósitos desta prática de pesquisa. Assim sendo, a presente pesquisa, baseada em uma epistemologia feminista proposta por Donna Haraway (1995), adota como princípio metodológico fundamental a observação

no cotidiano (Spink, 2007), pensando o conceito de campo-tema (Spink, 2003) como articulador da produção científica.

A partir da interlocução de uma epistemologia feminista com as ferramentas conceituais do pós-construcionismo, buscamos realizar uma pesquisa *no* cotidiano, ao contrário de uma pesquisa *do* cotidiano. Também, buscamos utilizar como ferramenta útil para análise os “diários de bordo” produzidos a partir das observações-participantes das reuniões do Fórum de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais de Pernambuco entre o período de abril a julho de 2010.

A expressão “diário de bordo”, tomada de empréstimos do meio náutico e aeronáutico, constitui-se como uma:

Estratégia discursiva para dar visibilidade a ideia de ‘viagem’ na qual se inscreve sempre e, por princípio, elementos-chave de nossas análises tais como: movimentos, transições, desvios, atalhos, imprevistos, olhares produzidos e histórias contadas por viajantes. (Medrado et al., 2011, p. 192)

Os diários de bordo foram elaborados por quatro integrantes do Gema. Os/as quatro tentaram se organizar de tal forma que, a cada reunião do Fórum LGBT/PE, pelo menos dois dos/as pesquisadores/as estivessem presentes. A partir dos diários de bordo produzidos, foram re-construídas cenas consideradas relevantes para o objetivo da pesquisa, realizando-se em seguida sua análise.

As reuniões do Fórum ocorriam sempre nas segundas-feiras às 18h, alternado quinzenalmente. O local variava, pois não havia sede. Ainda que continuemos a frequentar as reuniões e o Gema tenha integrado oficialmente o Fórum, enquanto material de análise foram selecionadas apenas os diários de bordo do período de abril a julho de 2010. Este material compreende um total de 12 diários de bordo, sendo quatro produções de cada uma das três estudantes de graduação em psicologia. A confecção dos diários foi orientada pela pergunta de pesquisa e leituras identificadas na revisão da literatura sobre o tema. O procedimento de análise envolveu uma leitura atenta do material produzido, assim como a desorganização para posterior reorganização em eixos temáticos, seguindo exercício proposto por Mary Jane Spink e Helena Lima (1999).

Vale ressaltar, ainda que o foco recaia sobre os sujeitos políticos, buscamos não descartar elementos outros que se faziam presentes, atuando e sendo atuados: cartazes, atas de reunião, e-mails, arranjo do espaço, camisetas. Como afirma Francisco Tirado e Miquel Domènech (2005), rompendo com as dicotomias micro/macro, natureza/cultura, sujeito/objeto, humano/não-humano nas ciências sociais, o que importa não é a prevalência de um sobre o outro, mas a interação entre os actantes: nem humanos,

nem não-humanos. Mas, quase-objetos e quase-sujeitos tecendo uma rede heterogênea.

Fundamentação teórico-metodológica

Para o escopo deste trabalho, buscamos articular algumas leituras que nos pareceram necessárias e cruciais no que se refere às bases para a fundamentação teórico-metodológica e conceitual. Dentre elas, destacamos a noção de “observação no cotidiano” de Mary Jane Spink, o conceito de “campo-tema” abordado por Peter Spink e a perspectiva foucaultiana acerca do dispositivo da sexualidade, o qual foi, posteriormente, apropriado e reformulado por outros/as teóricos/as, como Judith Butler.

Como pretendemos partir a análise dos diários de bordo produzidos das observações-participante no Fórum LGBT/PE, faz-se necessário trazer a discussão feita por Mary Jane Spink (2007) sobre a observação no cotidiano. Segundo a autora, trata-se de uma postura metodológica diferenciada, a partir do momento em que se propõe trabalhar *no* cotidiano, diferente de trabalhar *o* cotidiano. Tal ênfase é dada a partir de um posicionamento pós-construcionista, o qual foca-se nos conhecimentos locais, abrindo mão dos universais. Além disso, tal postura implica um posicionamento crítico em relação à clássica divisão entre pesquisador e seu objeto de pesquisa. Nesta perspectiva, o/a pesquisador/a é visto/a como implicado/a no processo a ser investigado, atuando e/ou sendo atuado.

Além de evitar a separação tradicional entre pesquisador-objeto, nos consideramos partícipes desse processo de construção do objeto em questão, mediado por outros atores e atrizes, e que atravessam a produção científica e o próprio campo-tema no qual nos encontramos imersos. Ainda, tal perspectiva pós-construcionista faz uma boa interlocução com a noção de conhecimento situado proposta por Donna Haraway (1995), e que pretendemos também adotar nesta pesquisa. Partindo de uma epistemologia feminista, Haraway problematiza a suposta “objetividade” científica – produzida hegemonicamente por homens, brancos, heterossexuais –, que se pretende a fazer uma ciência neutra e, sobretudo, universal. Da mesma forma, pontua as relações de poder implicadas no fazer científico, assim como seu contexto histórico e singular. De tal forma, além de uma crítica aos universais, a autora aposta em conhecimentos locais e parciais.

Em diálogo com os princípios metodológicos citados acima, compartilhamos da noção de campo-tema, abordado por Peter Spink (2003). Situado também dentro de uma perspectiva pós-construcionista, é entendido muito mais como processo do que local físico pré-determinado. Nas palavras do autor,

Não é o lugar onde o tema pode ser visto – como se fosse um animal no zoológico – mas são as redes de causalidade intersubjetiva que se interconectam em vozes, lugares e momentos diferentes, que não são necessariamente conhecidos uns dos outros. (2003, p. 36)

De tal maneira que não haveria um campo a priori, mas um assunto que tem um campo e que se dá enquanto processo.

Assim sendo, nosso campo se materializa como trama ou rede, interconectado por diversos momentos, locais e sujeitos, tendo apenas como ponto de partida o Fórum LGBT/PE, mas que, definitivamente, não se limitou a ele. Fez-se presente nas conversas entre amigos/as, mesas de bar, através da mídia, corredores.

Ainda, partindo do referencial teórico de Michael Foucault, destacamos as discussões acerca do dispositivo da sexualidade, pois, entendemos tal discussão como crucial para o diálogo que pretendemos tecer a respeito das categorias identitárias produzidas na (e pelo) movimento social LGBT.

Referindo-se ao sexo a partir de estratégias de saber-poder, Michael Foucault (1976/1988) afirma que, antes de qualquer coisa, trata-se da produção da sexualidade.

Esta não deve ser concebida como uma espécie determinada de natureza que o poder tentaria abater ou como um domínio obscuro que o saber tentaria a pouco e pouco revelar. É o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não realidade vinda de baixo, sobre o qual se exerceriam actuações difíceis, mas grande rede de superfície, em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, o incitamento ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço das fiscalizações e das resistências, se encadeiam uns com os outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (pp. 108-109)

A partir desta citação, torna-se possível pontuar algumas rupturas que Foucault (1976/1988) propõe ao tratar do dispositivo da sexualidade. Como a crítica a noção essencialista e ontológica do sujeito, ao afirmar ser o “sexo”, tal qual o entendemos hoje, uma criação. Segundo o autor, a necessidade de tomar o “sexo” como uma identidade, onde supostamente estaria alocado o que nós somos, está localizada no tempo e no espaço (especificamente no século XVIII). Em outras palavras, nem sempre ao nosso sexo coube responder a verdade última sobre nós mesmos. Mas, sobretudo, que o dispositivo da sexualidade produz o sexo que afirma descrever nos corpos. É no movimento de afirmar a necessidade de controlar ou revelar esse sexo, que as estratégias de saber-poder o produzem. Nas palavras de Judith Butler (2008), “a regulação do ‘sexo’ não acha nenhum sexo ali, externo à sua própria regulação; a regulação produz o obje-

to que vem a regular; a regulação regulou antecipadamente aquilo que ela vai ver maliciosamente apenas como objeto de regulação” (p. 96).

De tal maneira, Foucault aproxima-se de uma noção provisória, fragmentada e descentrada dos sujeitos, ao passo que rompe totalmente com os ideais iluministas do sujeito cartesiano: dotado de uma identidade unitária, totalizante e estável. Ideal, diga-se de passagem, que ainda prevalece na psicologia hegemônica. Mas, Foucault não só localiza espaço-temporalmente a produção do sexo enquanto identidade que revela a verdade sobre o sujeito, assim como as estratégias de saber-poder envolvidas, mas, sobretudo, aponta que é esta categoria identitária que garante inteligibilidade ao sujeito. Ou seja, para que o ser humano seja reconhecido enquanto humano e tenha acesso a direitos, ele/a tem que ser marcado/a pelo sexo. Contudo, não basta apenas ser marcado pelo sexo, mas, “deve-se ser coerentemente sexuado. A incoerência do sexo é precisamente o que separa o abjeto e o desumanizado do reconhecimento humano” (Butler, 2008, p. 100).

Por fim, uma vez que temos como foco analisar o jogo identitário a partir do movimento social LGBT de Pernambuco, recorreremos a alguns/mas teóricos/as que se aproximam do nosso entendimento acerca dos sujeitos políticos que compõem o Fórum LGBT/PE. Segundo Isadora Lins França (2006), o movimento LGBT – denominado por ela homossexual – é “um sujeito político bastante complexo, formado por múltiplas categorias identitárias, nem sempre movidas pelos mesmos discursos” (p. 103). Deste modo, refletir sobre o movimento LGBT torna-se inviável sem, necessariamente, incluir a análise destas categorias identitárias produzidas discursivamente, seus efeitos, conflitos e contradições. Também, ao passo que esses grupos encontram-se num campo de luta pela liberdade de classificações preconceituosas e de identidades cristalizadas, a questão “quem sou eu?” parece ocupar um lugar de destaque. O que aponta para um movimento que faz da intimidade um palco de luta política, via produção de identidades sexuais.

Contudo, segundo Tiago Corrêa (2012) a associação entre homossexualidade e cidadania ocorre não apenas no conteúdo produzido e veiculado pela organização, mas também na performance da homossexualidade de seus membros em espaços públicos. Do mesmo modo, evidenciam-se certas formas de expressão da homossexualidade, em detrimento de outras; criando-se uma hierarquia sexual que irá admitir inclusive o exercício da representação sobre uma dada população. Como, por exemplo, um tratamento diferenciado com relação às travestis e a alguns estereótipos, como o do afeminado.

Isadora França (2006) também aponta para a produção de hierarquias no interior do movimento LGBT. A partir de um estudo de caso sobre a *Blitz Trans*, ação promovida pela Secretaria de Transgêneros da Associação da Parada de São Paulo, problematiza a relação entre o movimento e o mercado GLS. A ação consistia numa visita de travestis, acompanhada de um advogado da Associação, a estabelecimentos comerciais que impediam o ingresso deste público (dentre eles, saunas gay), reivindicando o livre direito de ir e vir. Ao analisar as repercussões da *Blitz Trans* no próprio movimento LGBT de São Paulo, França coloca:

Uma das questões que serve de subtexto aos que criticam as travestis é o que pode ou não ser reivindicado, o que é legítimo como ação política. Vale lembrar que as manifestações das travestis contra a violência policial, por exemplo, são acolhidas quase inquestionadamente (sic) pelo movimento homossexual. Em contraposição ao protesto contra as saunas, qualificado como ‘populista’ por militantes, os protestos contra a violência são encarados como assunto grave, talvez por enfatizarem o aspecto de que as travestis são ‘vítimas da homofobia’, por dirigirem-se ao Estado (um campo mais tradicional de luta política do que o mercado) e, por fim, por estabelecerem uma oposição entre homofobia heterossexual versus direitos humanos de homossexuais/travestis, diferente do protesto das saunas, que questiona o potencial de inclusão da cena gay. (2006, p. 110)

Ao colocar em evidência algumas tensões e contradições, Isadora França (2006) problematiza, dentro da relação entre mercado e movimento, “as fronteiras do que pode ou não ser considerado atuação política” (p. 104), e suas consequências no debate para a construção de identidades sexuais, processo que aponta ora para a segmentação, ora para a coalizão de sujeitos políticos. Sendo assim, além desses sujeitos políticos serem diversos e permeados por hierarquias, não são aqui compreendidos como dados. Como afirma Butler (2003), tais sujeitos políticos são constituídos processualmente, no e pelo discurso, e em contextos políticos bastante específicos.

Resultados e análises

Primeiras aproximações: a necessidade de saber/produzir uma identidade para as pesquisadoras

Enquanto projeto-extensivo, a pesquisa pretendia-se não só a incluir no seu cronograma observações do Fórum LGBT de Pernambuco, mas, principalmente, contribuições para o movimento social em questão. Na fase inicial da pesquisa (março de 2010), o grupo era composto por três estudantes de graduação, um aluno de mestrado, um edu-

cador do Instituto PAPAI e o coordenador da pesquisa. Tentamos nos organizar de forma que a inserção de mais três pessoas nas reuniões do Fórum fosse o menos invasivo e mais amigável possível. De tal forma, as três alunas da graduação se organizaram em duplas, enquanto que o aluno do mestrado e o educador do PAPAI continuaram frequentando as reuniões, como faziam anteriormente.

Antes da primeira ida à reunião do Fórum, houve uma conversa entre os integrantes da pesquisa de forma que as pessoas que já tinham tido algum contato com o coletivo compartilhassem suas vivências e impressões. Como foi comentado que o número de pessoas presentes no Fórum variava bastante, achamos razoável a quantidade de integrantes presentes. Com exceção do número de mulheres, que era claramente minoritária. O local era bastante quente e simples. Porém, bem localizado e de fácil acesso. A dupla de pesquisadoras foi apresentada ao grupo como “integrantes do Gema” por um dos integrantes do Fórum (educador do PAPAI).

Inicialmente houve a sensação de ser bem recebida, e fizemos questão de colocar que estávamos lá também para apoiar e contribuir com o movimento social, não somente “fazer pesquisa” no local. Também nos habilitamos para fazer a ata de reunião (que conteria os informes, pautas e encaminhamentos do dia), uma forma inicial de apontar que não queríamos ocupar apenas o lugar de “observadoras”.

Outro ponto que chamou bastante nossa atenção foi o recorte geracional e sócio-econômico daqueles/as que estavam presentes. As pessoas mostraram-se mais velhos/as do que imaginávamos. Também, notadamente pertenciam a um nível sócio-econômico menos favorecido. Ainda, impressionou o cunho prático que predominava na reunião. O fato da classe social, geração e da dinâmica que se estabeleceu terem chamado nossa atenção também estão bastante interligados do lugar que onde falavam as pesquisadoras: mulheres jovens, universitárias e de classes médias e que não haviam tido outro contato com os movimentos sociais, a não ser com o movimento estudantil.

Já em outra reunião do Fórum, foram sentidos incômodos e desconfortos por não saber identificar que lugar estavam ocupando naquele coletivo. Um dos integrantes do Fórum, Beto¹ (Entrevistado N° 1, conversa em grupo, 25 de maio de 2010), que não estava presente na primeira reunião, começou a olhar (de modo não tão discreto) as anotações das pesquisadoras, enquanto eram produzidas, e a perguntar várias coisas, entre elas: a que instituição estavam vinculadas, se eram estudantes de psicologia, se estavam lá como observadoras (expressando, ironicamente, cara de espanto). A impressão era de que ele fazia tais perguntas de forma provocativa e como quem já sabia as res-

¹ Com exceção dos/as pesquisadores/as do Gema/UFPE, todos os nomes aqui citados são fictícios.

postas. Contudo, tal situação não pareceu se limitar ao nosso desconforto enquanto estranhos “coletando dados”. Contudo, a pergunta *qual a instituição que você faz parte* parece indicar que Beto não estava apenas incomodado com as anotações, mas pelos usos possíveis da informação.

Uma das pesquisadoras, em seu diário de bordo, relata algo que se aproxima do colocado acima: “um homem, que depois descobri que se chama Roberto [nome fictício], me olhava estranhamente, desconfiado. Nesse dia eu pensei: ‘eita, hoje eu tô lascada, Thiago não está aqui para me rerepresentar como integrante do Gema e Clarissa ainda nem chegou para me fazer companhia!’” (registro de diário, 5 de abril de 2010). E, como havia compartilhado com ela do incômodo que senti pelas perguntas feitas por Beto, neste mesmo diário de bordo Fernanda (pesquisadora) relata que Beto lançou o mesmo olhar de “quem é você?” para ela. Ela escreve: “Uma fala de Beto no meio da reunião me intrigou, ele disse: ‘com as anotações do que acontece aqui dá até pra fazer um trabalho de psicologia clínica’. Foi num tom de brincadeira, mas o desconforto dele estava óbvio” (registro de diário, 5 de abril de 2010).

Ainda, neste mesmo diário de bordo de Fernanda, a mesma relata: “Gustavo [nome fictício] sentou do meu lado e ficou me ajudando com o nome das pessoas para a confecção da ata, também depois de um tempo ele perguntou: ‘o que é que tu tanto anota, hein menina?’” (registro de diário, 5 de abril de 2010). Neste recorte, a fala de Fernanda parece não se limitar, novamente, ao incômodo que os integrantes do Fórum sentiram com a nossa presença, registrando tudo que acontecia na reunião, seja para os fins da pesquisa, seja para a produção da ata. Mas também do lugar que ocupávamos naquele espaço, assim como as atas.

O que inicialmente provocava um mal-estar em nós, por não visualizarmos nosso lugar e contribuição para o Fórum, e nas pessoas ali presentes que se sentiam observadas, posteriormente foi nosso veículo de aproximação, conferindo algum lugar no grupo. Como relata Fernanda, referindo-se a um momento de tensão provocado pela presença de uma pessoa na reunião:

Em meio ao clima de hostilidade que se instaurou na discussão, pela primeira vez, eu parecia ter um ‘lugar’ no grupo. Quando a discussão se instaurou, querendo todos falar ao mesmo tempo, Bruno pediu que Vinícius anotasse a ordem das pessoas que pediram pra falar e completou: ‘pode falar que nossa amiga está anotando tudo’ (registro em diário, 20 de maio de 2010). [...] E dirigindo-se a ela, completa: “anota tudo hein!”.

A partir desses recortes podemos observar como o sentido das atas foi sendo (re)configurado. Ora causa de desconfortos, ora ferramenta que nos possibilitava certa

inclusão e importância no grupo. Com isso, podemos perceber como a dicotomia sujeito-objeto, e a hierarquia subsequente a ela carecem de sentido. Conforme nos aproximávamos do Fórum LGBT, elementos não-humanos (atas, e-mails, camisetas), foram ganhando outros sentidos, ao passo que atuavam e eram atuados naquele contexto. Assim, são destacados enquanto ato e na interação com outros elementos que constituem a rede heterogênea. Como, também, quando vestida da camiseta A diversidade é legal, iniciou-se uma conversa sobre a diversidade sexual e homofobia e o campo-tema se fez presente.

Percebemos também que, apesar de termos ficado responsáveis pela produção das atas, os integrantes do Fórum LGBT/PE não tinham acesso às mesmas, por sérias falhas de comunicação. Em grande parte, se dava pelo e-mail do coletivo não funcionar adequadamente. Outro elemento não-humano. O e-mail não só estava praticamente sem ser usado, como muitos dos integrantes do grupo não tinham acesso à internet com facilidade, o que também dificultava o recebimento das atas. Mas, as implicações não se restringiam a isso, comprometia de forma geral o funcionamento do grupo. Como, por exemplo, em uma reunião extraordinária para tratar apenas do tema da Parada da Diversidade e um integrante do grupo levanta outro ponto de pauta, o que provocou um desentendimento entre ambos. Uma vez que as decisões acerca da reunião extraordinária foram tomadas na reunião que a antecedeu, talvez o clima hostil entre ambos tivesse sido evitado se não houvesse tantos problemas na circulação das informações.

Ao serem progressivamente esclarecidos sobre o nosso lugar das pesquisadoras, teve início um novo questionamento, nem sempre de modo sutil, sobre a sexualidade das pesquisadoras. Afinal, elas seria “L” (lésbicas) ou “B” (bissexuais)? Ao mencionarem ser estudantes universitárias, o “T” (travestis ou transexuais) parece ter sido prontamente descartado, uma vez que são poucas as travestis e/ou transexuais que conseguem concluir os estudos e ingressar na universidade, tamanha a discriminação e violência que sofrem. Esta informação é ratificada por pesquisa (Carrara et al., 2007) realizada na 5ª Parada da Diversidade de Pernambuco, em 2006, na qual a agressão verbal/ameaça de agressão, como agressão física, é relatada por sujeitos trans – travestis e transexuais – com maior frequência que outras pessoas. Entre as modalidades de discriminação, a segunda mais frequentemente para esta população se referiu às instituições de ensino e educação formal (33,5%).

“Eles” são múltiplos

Muitos foram os momentos em que presenciamos situações de conflito e atrito entre os integrantes do grupo. Portanto, nosso primeiro desafio foi desconstruir a imagem

romântica que tínhamos dos movimentos sociais, de algo sempre amigável, coerente, uno, homogêneo. Mas, o coletivo se mostrava formado por diversos sujeitos, cada um/a com suas particularidades, histórias de vida, demandas e expectativas. Sendo assim, por múltiplas contingências, tinham posicionamentos igualmente diversos.

Um episódio que nos chamou a atenção refere-se a uma reunião em que Rosa relata ter presenciado um caso de homofobia próximo a uma boate GLS de Recife, localizada no centro da cidade. Segundo ela, dois homens agrediram outro homem e, ainda que o segurança da boate tenha presenciado tudo, não fez nada. Ela conta ainda, demonstrando indignação, que o segurança afirmou que o “michê”² (homem agredido) tinha passado a noite dando em cima dos dois homens e que ele estava indo e voltando pro ‘escuro’ com eles. Diante do relato, Vinícius afirma que “os gays têm que saber se portar, porque a sociedade é homofóbica, senão eles vão ser vítimas de violência mesmo! Algumas pessoas não gostam quando eu digo isso, dizem que eu estou cooperando com a homofobia, mas eu não acho isso. Por exemplo, na Parada de São Paulo, no final o pessoal naquele empurra-empurra, vai logo... (imita alguém baixando as calças e fazendo sexo oral). O pessoal fica atrás das árvores, na Praça da República... Aí depois acha ruim porque os policiais são violentos. E, reafirmando a necessidades das pessoas serem discretas, ele continua: “se fosse do lado da mesa da tua família, o que eles achariam?” (trecho de diário, 22 de maio de 2010).

A partir deste trecho, retirado de diário de bordo, é possível perceber a diferença de posicionamento entre os integrantes. Rosa se exalta ao trazer o caso, principalmente diante da justificativa dada pelo segurança, que legitimou a violência ao afirmar que o “michê não se deu o respeito”. Em contraposição, Vinícius reafirma a necessidade dos LGBT serem “discretos”. Sobretudo, o que nos chama a atenção nesse episódio é que, apesar de Vinícius colocar que algumas pessoas afirmariam que sua fala é homofóbica, ele se nega. Ainda, culpabiliza a vítima e justifica a atitude do agressor. Mas, acreditamos que a grande discordância entre os dois está diretamente relacionada à compreensão acerca do que se entende por homofobia. Também, evidencia-se uma hierarquia sexual, em que expressões da homossexualidade são favorecidas, em detrimentos de outras, pelo próprio movimento LGBT.

Do mesmo modo, um ponto que se mostrou emblemático em vários momentos refere-se as letrinhas LGBT. Desde o primeiro contato da pesquisadora com o movimento LGBT em questão, chamou a atenção como os homens predominavam em quantidade. O movimento que se dizia LGBT aproximava-se muito mais de um movimento gay. Pouco é discutido a respeito das letrinhas, e quando o é, se dá de maneira confusa e, muitas vezes, contraditória. Dandara, que se posicionava enquanto transexual, em uma

² Profissional do sexo, também conhecido como “garoto de programa”.

reunião trouxe para o grupo o que tem se discutido dentro dos movimentos trans acerca das nomenclaturas transexual e travesti. Explicou também que existe uma tendência internacional em usar o termo transexual, devido ao caráter pejorativo que está atrelado a travestilidade (muito associada à prostituição, por exemplo). De tal forma que, conforme citava os porquês de unir as duas nomenclaturas em uma única sigla, parecia se posicionar a favor. Mas, em outra situação, Dandara defendeu ser contra a união das duas siglas, justificando que existiriam demandas diferentes.

Tratando-se de um movimento identitário, acreditamos ser importante o debate que Dandara traz para o movimento. Mas, ao passo que percebe a necessidade em reforçá-las e reafirmá-las, evidencia-se também a dificuldade de esclarecer o que se entende por tais categorias. Novamente, a construção das identidades sexuais remete ora para a segmentação, ora para a coalizão desses sujeitos políticos. O que também mostra que tais categorias se sustentam no esforço repetitivo de tentar dar-lhes alguma forma. É a própria regulação que produz a categoria que vem a regular.

Outro momento que colabora com o que foi colocado acima se refere a uma discussão, relatada em diários, entre dois integrantes do Fórum em relação a realizar ou não um Seminário que tinha como finalidade dialogar com organizadores/as de Paradas LGBT locais do estado de Pernambuco. Enquanto Beto, de forma taxativa, era contrário a ideia de realizar o Seminário por defender a necessidade de estabelecer previamente uma programação, objetivos e metodologia, Carmem (mulher, negra, lésbica e de classe social baixa) discorda. Já irritada, Carmen indaga Beto: “Você sabe o que a gente já conquistou com as Paradas? Não, mas eu sei!” Enquanto Beto calava-se, Carmem citava uma por uma as conquistas que memorizara de cabeça. Em seguida, afirma que o propósito do Seminário é justamente “dialogar com os outros promotores de Paradas, pra discutir suas conquistas e evitar que este evento perca seu cunho político” (registro em diário, 14 de junho de 2010). Novamente, a verdade essencialista por trás das categorias é colocada em questão. Mesmo que em muitos momentos, ou na maioria deles, Carmem seja a oprimida, não quer dizer que só por ser mulher, negra, lésbica e de classe social baixa que não tenha voz. Pelo contrário, neste momento ela defende sua ideia com firmeza, além de ficar evidente o respeito que tem dentro do coletivo. A relação não é estabelecida a priori, mas no ato. Portando, particular e situada, não se estendendo a outro momento.

Mas, apesar da crítica a tais categorias identitárias, é importante enfatizar que elas produzem, como efeitos de verdade, muitas coisas. E, nesse movimento constante de reafirmação elas têm sido bastante úteis. Por exemplo, são notáveis as conquistas do movimento LGBT no que concerne à visibilidade e luta por direitos.

Glória certa vez trouxe em sua fala que “estávamos ali por uma causa única, e que todos viviam uma luta”. Mas, em seguida afirma: “eu, por exemplo, não faço parte do grupo LGBT, eu sou puta, né! Mas tenho que ver o lado das meninas que são lésbicas que trabalham comigo” (registro em diário, 14 de julho de 2010). Esta fala, ainda que se prenda a lógica identitária, possibilita repensar alguns pontos que acreditamos serem fundamentais, não só para as finalidades deste Projeto de Pesquisa, mas, sobretudo, para o debate e fortalecimento dos movimentos sociais LGBT.

Glória, que se intitula como profissional do sexo, também trabalha com a política de redução de danos. Figura sempre presente não só nas reuniões do Fórum e também nos eventos promovidos pelo mesmo, assim como de outras instituições vinculadas (ou não). Mas que, como disse acima, dialogam por lutarem pela mesma causa. Mas, o que nos chama a atenção neste trecho é que, mesmo que Glória se reconheça unida pela mesma causa, não encontra seu lugar ali, ao afirmar que “não faz parte do grupo LGBT”, mas que apenas se solidariza com as companheiras lésbicas de trabalho. (registro em diário, 14 de julho de 2010).

Contudo, as reflexões que suscitaram não se limitam as contradições que este discurso apresenta. Mas, porque num movimento que se diz a favor da diversidade sexual, uma pessoa heterossexual não encontra lugar, nem voz? Ou ainda, enquanto o movimento LGBT transformou o direito ao casamento e a adoção como causas principais, como ficam aqueles/as que não querem casar ou adotar filhos/as?

Uma vez que as categorias identitárias têm se mostrado úteis, o desafio aponta, então, para o uso que fazemos delas. Ao categorizar o que é ou não um/a LGBT, no jogo de luz e sombra, simultaneamente ao movimento de visibilizar alguns modos de ser, inviabiliza-se outros. Com isso, excluem-se outros arranjos possíveis.

Considerações finais

Perdi alguma coisa que me era essencial, e que já não me é mais. Não me é necessária, assim como se eu tivesse perdido uma terceira perna que até então me impossibilitava de andar, mas que fazia de mim um tripé estável. [...] Sei que somente com duas pernas é que posso caminhar. Mas a ausência inútil da terceira me faz falta e me assusta, era ela que fazia de mim uma coisa encontrável por mim mesma, e sem sequer precisar me procurar. [...] Não sei se terei uma outra para substituir a perdida. Sei que precisarei tomar cuidado para não usar sub-repticiamente uma nova terceira perna que em mim renasce fácil como capim, e a essa perna protetora chamar de ‘uma verdade’. (Lispector, 1964/2009, pp. 9-12)

Ainda que tenhamos usado, prioritariamente, os diários de bordo para orientar nossas análises, faz-se importante destacar que não os entendemos aqui como representando, ou ainda, revelando uma realidade. São aqui tomados como ferramentas de análise local e situada, permeada por impressões pessoais, mas que tornaram possível narrar cenas consideradas relevantes para os objetivos desta pesquisa, para que alguns pontos pudessem ser ilustrados e problematizados.

Como nosso campo-tema se materializa como rede heterogênea, interconectado por diversos momentos, locais e sujeitos, tendo apenas como ponto de partida o Fórum LGBT/PE, mas que, definitivamente, não se limitou a ele, o desafio consistiu em narrar o processo para, então, ser possível fazer alguns questionamentos. Neste sentido, acreditamos ter atingido os objetivos propostos, fazendo uso das ferramentas teórico-metodológicas e conceituais e adaptando-as para o contexto específico. O que reforça a concepção de que este trabalho não se pretende universal, mas limitado às particularidades e contexto específicos.

Após a apresentação dos resultados obtidos e a interpretação que lançamos sobre os mesmos, concluímos que negar a importância do uso das categorias identitárias não parece ser um exercício simples e sempre positivo, uma vez que estas têm produzido muitas utilidades para o movimento LGBT. Mas, como afirma Beatriz Preciado (2011), ao referir-se ao uso estratégico das categorias identitárias³, é crucial que não as tomemos como verdades, concepções fixas e ontológicas, corroborando na (re)produção de normalizações. Pois, tal uso implica que outros modelos de expressão da homossexualidade sejam invisibilizados, desencorajados e/ou combatidos. Mas, acreditamos que os casos de resistência, por muitas vezes subverterem padrões culturais naturalizados, normas de gênero e práticas preconceituosas, seriam muito mais enriquecedores se aderidos ao movimento LGBT, ao invés de se limitarem a uma ameaça. Afinal,

Não existe diferença sexual, mas uma multidão de diferenças, uma transver-salidade de relações de poder, uma diversidade de potências de vida. Essas di-ferenças não são ‘representáveis’ porque são ‘monstruosas’ e colocam em questão, por esse motivo, os regimes de representação política, mas também os sistemas de produção de saberes científicos dos ‘normais’. (Preciado, 2011, p. 108)

Embora as categorias identitárias garantam alguma estabilidade e proteção (como um tripé estável) – ao se apresentarem enquanto “verdade” –, é somente na falta inútil desta terceira perna que podemos nos movimentar em direção ao novo. Por isso, apos-tamos num posicionamento crítico constante, para que esta terceira via (do tripé su-

³ Cabe destacar que esta não é uma contribuição singular de P. B. Preciado, mas um posicionamento resultante de vários ativismos e extensa produção teórica.

postamente estável), que também em nós insiste em (re)nascer como capim, não se imponha como essencial ou necessária.

Referências

- Butler, Judith (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Butler, Judith (2008). Inversões Sexuais. In Izabel C. Friche Passos (Org.), *Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas para a atualidade* (pp. 91-108). Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Carrara, Sérgio; Ramos, Silva; Lacerda, Paula; Medrado, Benedito & Vieira, Nara (2007). *Política, Direitos, Violência e Homossexualidade. Pesquisa 5ª Parada da Diversidade – Pernambuco 2006*. Rio de Janeiro: CEPESC.
- Corrêa, Tiago Matheus (2012). *O governo carnalizado ou o carnaval governado: política e estética no campo de ação da 9ª Parada da Diversidade de Pernambuco*. Dissertação de Mestrado inédita. Universidade Federal de Pernambuco.
- Foucault, Michael (1976/1988). *A história da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- França, Isadora Lins (2006). "Cada macaco no seu galho?": poder, identidade e segmentação de mercado no movimento homossexual. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 21(60), 104-115. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092006000100006>
- Haraway, Donna (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, 5, 7-41. Recuperado de <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=51046&opt=4>
- Iñiguez, Lupicinio (2005). Nuevos debates, nuevas ideas y nuevas prácticas en la psicología social de la era 'post-construccionista'. *Athenea Digital*, 8. <http://dx.doi.org/10.5565/rev/athenead/v1n8.235>
- LGBT/PE (2010). *Carta de princípios do Fórum LGBT/PE*, 2010. Disponível em <http://flgbtpe.blogspot.com.br/p/o-forum-lgbt-de-pernambuco-partilha-dos.html> Acessado em 02/02/2017
- Lispector, Clarice (1964/2009). *A paixão segundo G. H.*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Medrado, Benedito; Lyra, Jorge; Dantas, Luiza Gomes; Valente, Márcio; Quirino, Túlio; Machado, Michael... Gondim, Symone (2011). Paternidades no cotidiano de uma unidade de saúde em Recife: traços, curvas e sombras em redes heterogêneas. In, Maria Juracy F. Toneli, Benedito Medrado, Zeidi Araújo Trindade & Jorge Lyra (Orgs.), *O pai está esperando? Políticas públicas de saúde e gravidez na adolescência* (pp. 189-211). Florianópolis: Editora Mulheres.
- Miskolci, Richard (2007). A teoria queer e a questão das diferenças: por uma analítica da normalização. *Anais Eletrônicos do 16º Congresso de Leitura do Brasil*. Recuperado de http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/prog_pdf/prog03_01.pdf

- Preciado, P. Beatriz (2011). Multidões Queer: Notas para uma política dos “anormais”. *Revista Estudos Feministas*, 19(1), 11-20. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2011000100002>
- Spink, Mary Jane (2007). Pesquisando no cotidiano: recuperando memórias de pesquisa em Psicologia Social. *Psicologia & Sociedade*, 19(1), 7-14. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822007000100002>
- Spink, Mary Jane P. & Lima, Helena (1999). Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação. In: Mary Jane P. Spink (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano* (pp. 93-122). São Paulo: Cortez.
- Spink, Peter (2003). Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. *Psicologia & Sociedade*, 15(2), 18-42. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822003000200003>
- Tirado, Francisco & Domènech, Miquel (2005). Asociaciones heterogéneas y actantes: El giro postsocial de La teoría Del actor-red. *AIBR: Revista de Antropología Iberoamericana*, (número especial). Recuperado de <http://www.aibr.org/antropologia/44nov/articulos/nov0512.php>



Este texto está protegido por una licencia [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Usted es libre para Compartir —copiar y redistribuir el material en cualquier medio o formato— y Adaptar el documento —remezclar, transformar y crear a partir del material— para cualquier propósito, incluso comercialmente, siempre que cumpla la condición de:

Atribución: Usted debe reconocer el crédito de una obra de manera adecuada, proporcionar un enlace a la licencia, e indicar si se han realizado cambios . Puede hacerlo en cualquier forma razonable, pero no de forma tal que sugiera que tiene el apoyo del licenciante o lo recibe por el uso que hace.

[Resumen de licencia](#) - [Texto completo de la licencia](#)